

SÃO JOSÉ: UMA ANÁLISE TEOLÓGICO-HISTÓRICA DE SUA FIGURA, DO CÂNON BÍBLICO AO MAGISTÉRIO CONTEMPORÂNEO

ST. JOSEPH: A THEOLOGICAL-HISTORICAL ANALYSIS OF HIS FIGURE,
FROM THE BIBLICAL CANON TO THE CONTEMPORARY MAGISTERIUM

SAN JOSÉ: UN ANÁLISIS TEOLÓGICO-HISTÓRICO DE SU FIGURA, DESDE
EL CANON BÍBLICO HASTA EL MAGISTERIO CONTEMPORÁNEO

Lucas de Almeida Barboza¹

¹ Graduado em História. Brasil. E-mail para contato. Ldealmeida8797@gmail.com

RESUMO

Este artigo científico investiga a figura de São José, traçando sua evolução desde as fontes bíblicas até o magistério pontifício contemporâneo. Partindo do paradoxo de sua importância fundamental na história da salvação e seu completo silêncio nos Evangelhos canônicos, o estudo analisa como esse vácuo narrativo impulsionou séculos de reflexão teológica, desenvolvimento doutrinário e piedade popular. Utilizando o método histórico-crítico para a exegese dos relatos da infância em Mateus e Lucas, e uma abordagem histórico-teológica para o restante da análise, o artigo explora a construção de José como o “homem justo”, cuja paternidade legal garante a messianidade davídica de Jesus. Examina-se a influência crucial das tradições apócrifas, como o Protoevangelho de Tiago, na formação de sua imagem popular, notadamente como um homem idoso e viúvo. A pesquisa percorre o desenvolvimento histórico de seu culto, desde a relativa obscuridade patrística até a proeminência na Idade Média e o auge no magistério dos séculos XIX a XXI, com destaque para as intervenções de Pio IX, Leão XIII, Pio XII, João Paulo II e, de forma culminante, o Papa Francisco com a Carta Apostólica *Patris Corde*. Finalmente, o artigo analisa a evolução de suas representações na iconografia e a singular inculturação de sua devoção no catolicismo popular brasileiro, especialmente na cultura nordestina. Conclui-se que a figura de São José demonstra a natureza dinâmica da tradição cristã, que continuamente aprofunda sua compreensão dos mistérios da fé, transformando o silêncio bíblico em uma fonte fecunda de ensinamentos sobre paternidade, trabalho, obediência e fé.

Palavras-chave: Josefologia. São José. *Patris Corde*. Exegese Bíblica. Magistério Pontifício. Piedade Popular.

INTRODUÇÃO

A figura de São José ocupa um lugar singular e paradoxal na teologia e na devoção cristã. Designado como esposo da Virgem Maria e pai legal de Jesus Cristo, ele é uma peça indispensável no mistério da Encarnação e na história da salvação. Contudo, nos quatro Evangelhos canônicos, não há registro de uma única palavra proferida por ele. Este “silêncio eloquente” (Ravasi, 2018; Brustolin, 2025), longe de relegá-lo a uma posição secundária, constitui o ponto de partida para uma profunda e contínua investigação teológica. Foi precisamente este vácuo narrativo que, ao longo dos séculos, estimulou a reflexão da Igreja, a piedade dos fiéis e a imaginação artística, transformando o carpinteiro de Nazaré em uma das figuras mais veneradas da cristandade.

A relevância de um estudo aprofundado sobre São José é acentuada pela sua crescente proeminência no magistério pontifício recente. O clímax deste movimento foi a proclamação do “Ano de São José” pelo Papa Francisco, por ocasião do 150º aniversário de sua declaração como Patrono da Igreja Católica, acompanhada da publicação da Carta Apostólica *Patris Corde* em 8 de dezembro de 2020 (Francisco, 2020). Este ato magisterial não é um evento isolado, mas a culminação de um longo processo de maturação da Josefologia, o campo teológico dedicado ao seu estudo, que vem ganhando corpo desde o século XIX. A necessidade de sintetizar essa longa trajetória, desde as sóbrias menções nas Escrituras até as ricas reflexões teológicas contemporâneas, justifica a presente investigação acadêmica.

O objetivo geral deste artigo é, portanto, realizar uma análise multifacetada sobre a construção da figura teológica, devocional e cultural de São José. Para tanto, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: (1) analisar exegeticamente as fontes

canônicas, com foco nos Evangelhos da Infância de Mateus e Lucas, para compreender o papel teológico original de José; (2) investigar a contribuição das tradições apócrifas na formação de sua imagem popular e na resolução de “lacunas” narrativas do cânon; (3) traçar a evolução histórica de seu culto e do magistério pontifício, identificando os principais marcos doutrinários; e (4) examinar suas representações na iconografia sacra e na piedade popular, com especial atenção ao contexto do catolicismo brasileiro.

Para alcançar tais objetivos, a metodologia empregada será dupla. Na análise das fontes bíblicas, será utilizado o método histórico-crítico, que permite um estudo científico do sentido dos textos antigos, reconhecendo que a “Palavra de Deus em linguagem de homem” foi composta por autores humanos com propósitos teológicos específicos (Pontifícia Comissão Bíblica, 1993 apud Almeida, 2020; Negro, 2012). Para as demais seções, adotar-se-á uma abordagem histórico-teológica, que permite traçar o desenvolvimento de uma doutrina ou devoção ao longo do tempo, contextualizando-a em seus respectivos períodos históricos e eclesiais.

1 O “HOMEM JUSTO” NOS EVANGELHOS DA INFÂNCIA: ANÁLISE EXEGÉTICA E HISTÓRICO-CRÍTICA

A figura de São José emerge quase que exclusivamente das narrativas da infância de Jesus, presentes nos capítulos iniciais dos Evangelhos de Mateus e Lucas. Uma análise cuidadosa desses textos, à luz da exegese contemporânea, revela que a intenção dos evangelistas não era compor

uma biografia detalhada, mas sim apresentar uma catequese teológica sobre a identidade e a missão de Jesus, na qual José desempenha um papel indispensável.

1.1 As Fontes Canônicas e suas Divergências

As fontes primárias sobre José no Novo Testamento são os relatos de Mateus 1-2 e Lucas 1-2 (Costa; Nobre, 2016). Sua ausência no Evangelho de Marcos, o primeiro a ser escrito, sugere que a elaboração teológica sobre seu papel foi um desenvolvimento posterior na tradição cristã.

A aplicação do método histórico-crítico a esses relatos demonstra que as narrativas da infância devem ser compreendidas não como reportagens factuais, mas como construções que refletem o plano teológico do autor sagrado (Costa; Nobre, 2016; Costa, 2018). Os evangelhos de Mateus e Lucas apresentam versões diferentes e, por vezes, divergentes dos acontecimentos (Costa, 2018). Por exemplo, em Mateus, a família reside em Belém, foge para o Egito e depois se estabelece em Nazaré por medo de Arquelau; em Lucas, eles vivem em Nazaré, viajam a Belém para o censo e retornam pacificamente para Nazaré pouco depois do nascimento.

Essa constatação não visa invalidar a figura de José, mas, ao contrário, enriquecer sua compreensão. Ao aceitar que a primazia do interesse teológico sobre a exatidão histórica é uma característica do gênero literário (Blomberg, 2019), o foco da análise se desloca da busca por uma “historicidade factual” para a compreensão da “verdade teológica” que os evangelistas pretendiam comunicar. A “verdade” sobre José nos Evangelhos não reside nos pormenores de sua vida, mas no arquétipo de fé que ele representa. Sua figura é cuidadosamente construída para cumprir funções teológicas específicas, principalmente a de enraizar Jesus na história e nas promessas feitas a Israel (Negro, 2012; Costa; Nobre, 2016).

1.2 A Paternidade Davídica e a Messianidade de Jesus

Uma das funções teológicas centrais de José é estabelecer a descendência davídica de Jesus. Ambos os Evangelhos, Mateus e Lucas, apresentam genealogias que, embora marcadamente diferentes, convergem em José, cumprindo o mesmo propósito: ligar Jesus, por via legal, à casa real de Davi (Negro, 2012). A paternidade de José não é biológica, mas é juridicamente real e teologicamente crucial.

O ato de “dar um nome” a Jesus (Mt 1:21, 25), uma prerrogativa paterna, é o momento jurídico em que José adota oficialmente o menino, inserindo-o em sua linhagem. Este ato confere a Jesus o título de “Filho de Davi”, essencial para sua identidade messiânica conforme as profecias do Antigo Testamento. Assim, José funciona como um elo que assegura a continuidade da Aliança e a realização das promessas em Cristo, sendo o último dos patriarcas (Negro, 2012).

1.3 A Vocação do “Justo” (δίκαιος) em Mateus 1:19

O Evangelho de Mateus qualifica José com um único adjetivo, que, no entanto, define toda a sua identidade: ele era um “homem justo” (Mt 1:19). A compreensão deste termo é fundamental para decifrar sua vocação. O vocábulo grego *díkaios* (δίκαιος) é a tradução do hebraico *šā-ddīʿq* (צדק), cujo significado no Antigo Testamento é muito mais rico e complexo do que a simples noção de retidão legal (Negro, 2012).

Um *šā-ddīʿq* é alguém cuja vida está em conformidade com a vontade de Deus, alguém que vive em profunda fidelidade à Aliança. Essa “justiça” não se manifesta na aplicação cega e rigorosa da Lei, mas na prática da misericórdia e da retidão de coração (Negro, 2012). O

dilema de José ao descobrir a gravidez de Maria ilustra perfeitamente essa tensão. Como “homem justo”, ele se depara com uma situação que, sob a estrita Lei Mosaica, exigiria a denúncia pública de Maria por suspeita de adultério. No entanto, sua justiça o move em outra direção: “não querendo difamá-la, resolveu rejeitá-la secretamente” (Mt 1:19).

Esta decisão inicial, anterior à revelação do anjo, já demonstra uma justiça temperada pela caridade. Ele busca uma solução que, embora dolorosa para si, protege a dignidade e a vida de Maria (Francisco, 2020; Brustolin, 2025). A narrativa mateana, portanto, utiliza José para apresentar uma redefinição cristológica da justiça. A verdadeira justiça, na nova aliança que se inaugura, não é a legalidade fria, mas a obediência a um chamado superior de amor, misericórdia e proteção dos vulneráveis. O Papa Francisco, em *Patris Corde*, ecoa essa interpretação ao apresentar José como uma “*figura de varón respetuoso, delicado que aún no teniendo toda la información se decide por la fama dignidad y vida de María*” (Francisco, 2020).

1.4 O Protagonista da Obediência e da Coragem Criativa

O arco narrativo de José nos Evangelhos é o de um homem de fé e obediência inabaláveis. Suas ações são guiadas não por sua própria deliberação, mas por revelações divinas recebidas em sonhos — a aceitação de Maria, a fuga para o Egito, o retorno e o estabelecimento em Nazaré (CNBB, 2023; Brustolin, 2025). Essa comunicação onírica o conecta diretamente aos grandes patriarcas do Antigo Testamento, como José do Egito, que serve de protótipo para sua figura (Negro, 2012).

Sua obediência, contudo, não é passiva ou resignada. É uma obediência ativa, que exige ação imediata e corajosa. Ao ser instruído a fugir para o Egito, “ele se levantou, tomou o menino e sua mãe, durante a noite,

e partiu para o Egito” (Mt 2:14). Essa prontidão para agir em meio à adversidade revela o que o Papa Francisco chamou de “coragem criativa” (Francisco, 2020). Diante da ameaça de Herodes e da precariedade do exílio, José não se desespera, mas confia na providência divina e usa seus próprios recursos para proteger e sustentar a Sagrada Família. Ele transforma problemas em oportunidades, encontrando refúgio e trabalho em uma terra estrangeira, tornando-se o “milagre” através do qual Deus salva o Menino e sua mãe (Francisco, 2020). Ele é o guardião e protetor que, através de sua fé prática, garante a sobrevivência do Messias.

2. A EXPANSÃO DA FIGURA JOSEFINA: TRADIÇÕES APÓCRIFAS E O DESENVOLVIMENTO PATRÍSTICO

O retrato sóbrio e teologicamente denso de José nos Evangelhos canônicos deixou muitas questões sem resposta para a piedade dos primeiros cristãos. Esse “silêncio” canônico criou um espaço que foi preenchido por uma rica tradição de escritos apócrifos, que, embora não reconhecidos como Palavra de Deus inspirada, exerceram uma influência imensa na formação da imagem popular de São José e na devoção a ele.

2.1 O José do Protoevangelho de Tiago e Outros Apócrifos

O texto apócrifo de maior impacto na construção da figura de José é, sem dúvida, o Protoevangelho de Tiago, um escrito datado do final do século II. Esta obra, que gozou de estima entre figuras eclesásticas

como Clemente de Alexandria e Orígenes, visava preencher as lacunas narrativas dos Evangelhos sobre a vida pregressa de Maria e José. O Protoevangelho de Tiago não é apenas um texto curioso, mas uma peça fundamental para entender a recepção popular da Sagrada Família e a base para o desenvolvimento de tradições posteriores, respondendo ao desejo dos fiéis por mais detalhes.

Foi este texto que introduziu elementos que se tornariam onipresentes na tradição cristã, como os nomes dos pais de Maria, Joaquim e Ana, e, de forma mais decisiva para a Josefologia, a representação de José como um homem já idoso e viúvo no momento de seu casamento com Maria. No texto, quando o sumo sacerdote reúne os viúvos para escolher um guardião para a jovem Maria, José protesta: “Tenho filhos e sou idoso, enquanto ela é uma menina” (Protoevangelho De Tiago 9:2 *apud* Ihu Unisinos, 2021). Outros apócrifos, como a “História de José, o Carpinteiro”, reforçam essa imagem, atribuindo-lhe seis filhos de um casamento anterior (Ihu Unisinos, 2021).

Essa caracterização não era um mero detalhe biográfico, mas servia a um propósito teológico claro: salvaguardar a doutrina da virgindade perpétua de Maria. Além disso, essa tradição oferecia uma explicação para a menção dos “irmãos de Jesus” nos Evangelhos canônicos (e.g., Mc 6:3), interpretando-os como filhos do primeiro casamento de José e, portanto, meio-irmãos de Jesus (Ihu Unisinos, 2021). Essa visão se tornou dominante na Igreja Oriental e influenciou profundamente a iconografia por séculos.

2.2 O Silêncio Patrístico e suas Razões Teológicas

Em contraste com a popularidade de José nos círculos apócrifos, os escritos dos Padres da Igreja dos primeiros séculos demonstram uma notável reserva em relação a ele. Embora não tenha sido esquecido, sua presença explícita só se torna mais proeminente a partir de teólogos

como São João Crisóstomo, Santo Agostinho e São Jerônimo. Este “silêncio patristico” relativo não foi acidental, mas uma necessidade apologética e teológica daquele período.

Nos primeiros séculos, a Igreja estava empenhada em combater heresias que ameaçavam as doutrinas fundamentais da fé, especialmente a divindade de Cristo e seu nascimento virginal. A preocupação central dos estudos teológicos eram os problemas cristológicos. Nesse contexto, enfatizar a figura do pai terreno poderia criar ambiguidades. Portanto, a estratégia teológica e catequética foi manter José em segundo plano, a fim de que a origem divina de Jesus, concebido “por virtude do Espírito Santo”, se firmasse de maneira inequívoca na consciência cristã.

A história da devoção a São José pode, assim, ser compreendida como um movimento pendular. Nos primeiros séculos, sua figura é minimizada para exaltar a divindade de Cristo. À medida que essas doutrinas se consolidaram, o pêndulo começou a se mover na direção oposta. A partir da Idade Média e, de forma decisiva, na era moderna, José é progressivamente exaltado, não em detrimento de Cristo, mais precisamente para iluminar aspectos do mistério da Encarnação: a plena humanidade de Jesus, a santidade da vida familiar e a dignidade do trabalho humano.

3. O PATRONO DA IGREJA UNIVERSAL: A EVOLUÇÃO DO CULTO E DO MAGISTÉRIO PONTIFÍCIO

A transição de São José de uma figura secundária na piedade dos primeiros séculos para o “Patrono da Igreja Universal” é um processo fascinante que se desenrola ao longo de mais de um milênio. Esse desenvolvimento foi impulsionado por grandes teólogos, santos e, de forma culminante, por uma série de intervenções do magistério pontifício que solidificaram seu lugar na doutrina e na liturgia da Igreja Católica.

3.1 O Despertar do Culto na Idade Média e o Impulso Teresiano

Embora as primeiras menções a um culto dedicado a São José no Ocidente remontem ao século IX, sua devoção permaneceu relativamente contida (Vatican News, 2021). Foi na Alta Idade Média que sua figura começou a emergir com mais força, graças à reflexão de grandes teólogos escolásticos como São Bernardo de Claraval, Santo Alberto Magno e São Tomás de Aquino, que lhe dedicaram tratados e sermões.

O século XV marcou um ponto de inflexão, com o chanceler da Universidade de Paris, Jean Gerson, defendendo arduamente a instituição de uma festa litúrgica oficial em sua honra (Vatican News, 2021). O Papa Sisto IV, por volta de 1480, aprovou a celebração de sua festa em 19 de março para a diocese de Roma, um passo que seria estendido a toda a Igreja posteriormente (Vatican News, 2021).

Contudo, um grande impulso para a popularização da devoção a São José veio no século XVI, com a reforma carmelita liderada por Santa Teresa de Ávila. A mística e Doutora da Igreja adotou São José como seu principal protetor e intercessor, e sua influência foi imensa, não apenas propagando a devoção, mas também influenciando sua representação artística, promovendo imagens que o retratavam de forma mais proeminente e paternal (Off Lattes, 2020).

3.2 A Josefologia e o Magistério Pontifício (Séculos XIX-XXI)

O século XIX representa o auge do reconhecimento eclesial de São José. Em um período de intensos desafios para a Igreja Católica, o Papa Pio IX buscou um protetor celestial para a Igreja militante. Em 8 de dezembro de 1870, através do decreto *Quemadmodum Deus*, ele solenemente declarou São José como “Patrono da Igreja Católica” (Pio IX, 1870).

Seu sucessor, o Papa Leão XIII, deu um passo adiante, oferecendo a primeira grande síntese magisterial sobre a teologia de São José. Em sua Carta Encíclica *Quamquam Pluries* (1889), ele contextualizou a devoção ao santo como um remédio espiritual para os “tempos difíceis” e os males da modernidade. A encíclica fundamenta a dignidade de José em seu matrimônio com Maria e em sua paternidade sobre Jesus, apresentando-o como um modelo para os pais de família e para os trabalhadores (Leão XIII, 1889).

A semente plantada por Leão XIII floresceu plenamente no século XX. O Papa Pio XII, em 1955, em um gesto de grande significado pastoral, instituiu a festa de “São José Operário” a ser celebrada em 1º de maio. A escolha da data foi uma resposta cristã ao Dia Internacional dos Trabalhadores, buscando cristianizar o mundo do trabalho e afirmar a sua dignidade (Pio XII, 1955).

O Papa João Paulo II, por sua vez, aprofundou a dimensão teológica da figura de José com a Exortação Apostólica *Redemptoris Custos* (Guardião do Redentor), publicada em 1989. Este documento é uma das mais ricas reflexões sobre a missão de José, não apenas como protetor, mas como alguém que foi introduzido “no mistério da Encarnação” e participou ativamente da obra da redenção (João Paulo II, 1989).

Essa trajetória ascendente no magistério demonstra um aprofundamento contínuo, que pode ser visualizado na tabela abaixo.

Tabela 1 – Evolução do Magistério Pontifício sobre São José (1870-2020)

Papa	Documento / Ato Magisterial	Ano	Contribuição Teológica e Pastoral Central
Pio IX	Decreto Quemadmodum Deus	1870	Declara São José “Patrono da Igreja Católica”, conferindo-lhe um papel de protetor institucional em um período de crise para a Igreja.
Leão XIII	Carta Encíclica Quamquam Pluries	1889	Apresenta São José como modelo para os pais de família e os trabalhadores, e sua devoção como um remédio para os males da sociedade moderna.
Pio XII	Instituição da Festa de “São José Operário”	1955	Confere uma dimensão social à devoção, apresentando José como modelo da dignidade do trabalho humano e resposta cristã ao Dia do Trabalho.
João XXIII	Inserção do nome de São José no Cãnon Romano	1962	Concede a São José a máxima honra litúrgica, colocando seu nome na principal Oração Eucarística, após o da Virgem Maria.

Papa	Documento / Ato Magisterial	Ano	Contribuição Teológica e Pastoral Central
João Paulo II	Exortação Apostólica Redemptoris Custos	1989	Desenvolve uma profunda teologia sobre a missão de José como “Guardião do Redentor”, integrando-o plenamente no mistério da salvação.
Francisco	Carta Apostólica Patris Corde	2020	Oferece um retrato multifacetado e pastoral da paternidade de José, apresentando-o como um modelo acessível e relevante para os desafios contemporâneos.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025), com base em Vatican News (2021) e nos documentos pontifícios citados.

3.3 A Paternidade em Patris Corde (Papa Francisco)

A Carta Apostólica Patris Corde (Com Coração de Pai) do Papa Francisco representa a mais recente e talvez a mais pastoralmente rica contribuição do magistério à Josefologia (Francisco, 2020). Em vez de focar primariamente em títulos ou privilégios teológicos, o Papa Francisco apresenta um retrato de São José em sete facetas, que descrevem um modelo de paternidade profundamente humano e espiritualmente fecundo (Francisco, 2020).

- 1. Pai amado:** José é amado pelo povo cristão porque fez de sua vida um serviço e um dom total de si ao mistério da Encarnação.
- 2. Pai na ternura:** José ensina que Deus age através de nossas fraquezas. A ternura não é sinal de fraqueza, mas de fortaleza de ânimo.

3. **Pai na obediência:** A obediência de José a Deus, manifestada nos sonhos, não é passiva, mas ativa. “Com a obediência, superou o seu drama e salvou Maria”.
4. **Pai na acolhida:** José acolhe Maria “sem condições prévias”, confiando na palavra do anjo. Ele nos ensina a acolher a vida como ela se apresenta.
5. **Pai com coragem criativa:** Diante das dificuldades, José não se paralisa. Sua coragem o leva a encontrar soluções, transformando problemas em oportunidades.
6. **Pai trabalhador:** Como carpinteiro, José ensinou a Jesus “o valor, a dignidade e a alegria do que significa comer o pão fruto do próprio trabalho”.
7. **Pai na sombra:** José é para Jesus “a sombra do Pai celeste na terra”. Sua paternidade é um reflexo da paternidade de Deus: ele protege e guia, mas nunca possui. A felicidade de José “não está na lógica do autossacrifício, mas no dom de si mesmo”.

Com *Patris Corde*, o Papa Francisco completa a trajetória magisterial, movendo São José de um protetor institucional para um modelo íntimo e acessível de santidade cotidiana.

4. REPRESENTAÇÕES E DEVOÇÕES: ICONOGRAFIA E PIEDADE POPULAR

A figura de São José, enriquecida por séculos de teologia e devoção, encontrou uma expressão visual na arte sacra e uma ressonância afetiva profunda na piedade popular. A evolução de sua iconografia e a inculturação de seu culto revelam a sua importância contínua para a fé.

4.1 Evolução Iconográfica e Perspectivas Ecumênicas

A representação artística de São José na tradição ocidental evoluiu significativamente. Se na Idade Média ele era frequentemente retratado como um homem idoso e à margem da cena principal, a partir do Renascimento e, especialmente, após a Contrarreforma e por influência de figuras como Santa Teresa de Ávila, ele assume um papel mais central e paternal (Off Lattes, 2020).

Na Igreja Ortodoxa, a veneração a São José também é presente, mas sua representação iconográfica mantém-se fiel às tradições apócrifas. Ele é consistentemente retratado como um homem idoso e viúvo, uma escolha teológica que visa proteger de forma inequívoca o dogma da virgindade perpétua de Maria (*Aeiparthenos*) e enfatizar que a humanidade de Cristo provém unicamente de sua mãe, a *Theotokos* (Mãe de Deus). Enquanto a imagem ocidental moderna evoluiu para apresentar um José mais jovem e vigoroso, enfatizando-o como modelo de esposo, pai e trabalhador, a imagem oriental permaneceu fiel à tradição antiga para priorizar a salvaguarda de dogmas mariológicos.

4.2 A Devoção no Catolicismo Popular Brasileiro

No Brasil, São José é um dos santos de maior devoção popular, reverenciado como protetor das famílias e padroeiro dos trabalhadores (CNBB, 2023). Sua figura encontrou uma ressonância particular e uma forma de inculturação única na região Nordeste, onde ele transcende seus títulos universais para se tornar uma figura central no ciclo da vida, da agricultura e da esperança.

No sertão nordestino, uma região marcada pela irregularidade das chuvas, o dia de São José, 19 de março, é aguardado com imensa expectativa. Segundo a tradição popular, a chuva no dia de São José é um sinal divino, um presságio seguro de que haverá uma boa colheita, especialmente de milho (Hermegildo apud Brasil De Fato, 2025). Uma boa colheita de milho, por sua vez, garante a fartura para as Festas Juninas, o ápice do calendário festivo e cultural do Nordeste (Hermegildo *apud* Brasil De Fato, 2025).

Essa crença conecta profundamente a fé religiosa com os ciclos da natureza. O “Patrono dos Trabalhadores” se torna, no imaginário popular, o “santo das chuvas”, o padroeiro dos agricultores cuja intercessão determina a sobrevivência e a alegria da comunidade (Hermegildo apud Brasil De Fato, 2025). Este é um exemplo paradigmático de inculturação da fé, onde uma devoção universal é assimilada e reinterpretada pela cultura local, que a enriquece com novos significados e a integra em sua visão de mundo.

CONCLUSÃO

A jornada pela figura de São José, desde as breves e silenciosas menções nos Evangelhos até o seu lugar de destaque no magistério contemporâneo e na piedade global, revela um dos mais notáveis processos de desenvolvimento teológico e devocional da tradição cristã. A análise realizada permite sintetizar que a trajetória de José é a de uma figura cuja importância cresce na exata medida em que a Igreja aprofundou sua compreensão sobre o mistério da Encarnação. Ele evoluiu de um personagem de fundo, necessário para garantir a linhagem davídica de Jesus, para um protagonista da vida de fé, um modelo de santidade acessível e um intercessor poderoso.

A tese central deste trabalho, reafirmada pelos dados analisados, é que a figura de São José demonstra a natureza dinâmica e orgânica da Tradição. O silêncio canônico, longe de ser um vazio, provou ser um espaço extraordinariamente fértil. Foi nesse silêncio que a piedade popular, através dos apócrifos, semeou as primeiras imagens de um José mais detalhado. Foi sobre esse silêncio que a teologia patrística e medieval construiu as bases de sua dignidade. E foi para preencher esse silêncio com significado pastoral que o magistério moderno e contemporâneo o elevou a Patrono da Igreja, modelo dos trabalhadores e arquétipo da paternidade. A história de São José mostra que a fé não é estática, mas uma realidade viva que continuamente medita, aprofunda e desvela novas facetas do plano de salvação.

A relevância contemporânea de São José, especialmente à luz da Carta Apostólica *Patris Corde*, é imensa. Em um mundo que enfrenta crises de paternidade, desvalorização do trabalho manual, migrações forçadas e uma cultura do ruído e do exibicionismo, a figura do carpinteiro de Nazaré emerge com uma força profética. Ele oferece um modelo de paternidade que é presente, terna e corajosa, uma paternidade “na sombra” que serve sem possuir e promove

a liberdade do outro. Ele encarna a dignidade do trabalho como meio de participação na criação e sustento da vida. Ele representa a coragem silenciosa dos migrantes e dos que enfrentam a adversidade com fé e “coragem criativa”. Acima de tudo, sua vida demonstra que a santidade mais profunda não requer grandes discursos ou feitos extraordinários, mas se realiza na fidelidade cotidiana à vontade de Deus, na justiça que se traduz em misericórdia e no amor que se manifesta em serviço concreto. O silêncio de São José continua, assim, a ecoar como um dos mais eloquentes ensinamentos para os cristãos de todos os tempos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Dimas. Ensaio de Dimas Almeida: Evangelho e evangelhos. **Sete Margens**, 2020. Disponível em: <https://setemargens.com/ensaio-de-dimas-almeida-2-evangelho-e-evangelhos/>. Acesso em: 27 jun. 2025.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023: Informação e documentação — Referências — Elaboração**. Rio de Janeiro: ABNT, 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520: Informação e documentação — Citações em documentos — Apresentação**. Rio de Janeiro: ABNT, 2023.

BLOMBERG, Craig L. **A confiabilidade histórica dos Evangelhos**. São Paulo: Vida Nova, 2019.

BRASIL DE FATO. Cultos pagãos, colheitas de milho e heranças indígenas: como nasceu o São João? **Brasil de Fato**, 24 jun. 2025. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2025/06/24/cultos-pagaos-colheitas-de-milho-e-herancas-indigenas-como-nasceu-o-sao-joao>. Acesso em: 27 jun. 2025.

BRUSTOLIN, Leomar Antônio. Aprender com o silêncio de São José. **CNBB**, 14 mar. 2025. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/aprender-com-o-silencio-de-sao-jose/>. Acesso em: 27 jun. 2025.

CAPEL. **Normas ABNT**. Portal de Periódicos CAPES, 27 nov. 2019. Disponível em: https://www.periodicos.capes.gov.br/images/documents/ABNT_Super%20quarta%20CAPES_27_11.pdf. Acesso em: 27 jun. 2025.

CNBB. **São José**. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 18 mar. 2023. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/sao-jose-4/>. Acesso em: 27 jun. 2025.

COSTA, Felipe; NOBRE, Marcos Augusto Ferreira. O relato da infância de Jesus segundo o evangelho de Mateus. **Revista Expressão Católica**, v. 5, n. 1, p. 153-166, jul./dez. 2016.

COSTA, José Carlos de Lima. **A figura de São José: uma análise exegética dos relatos da infância de Jesus em Mateus e Lucas**. 2018. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <https://tede2.pucgoias.edu.br/bitstream/tede/3609/2/JOS%C3%89%20CARLOS%20DE%20LIMA%20COSTA.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2025.

FRANCISCO, Papa. **Carta Apostólica Patris Corde**. Vaticano, 8 dez. 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco-lettera-ap_20201208_patris-corde.html. Acesso em: 27 jun. 2025.

IHU UNISINOS. Protoevangelho de Tiago e a figura de São José. **Instituto Humanitas Unisinos**, 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/607661>. Acesso em: 27 jun. 2025.

JOÃO PAULO II, Papa. **Exortação Apostólica Redemptoris Custos**. Vaticano, 15 ago. 1989.

LEÃO XIII, Papa. **Carta Encíclica Quamquam Pluries**. Vaticano, 15 ago. 1889.

NEGRO, Mauro. O Justo José – A vocação de José, no relato de Mateus. **Revista de Cultura Teológica**, v. 20, n. 77, p. 109-132, jan./mar. 2012.

OFF LATTES. A devoção a São José e Santa Teresa de Jesus. **Off Lattes**, 2020. Disponível em: <https://offlattes.com/archives/8075>. Acesso em: 27 jun. 2025.

OSJ. Breve história da teologia de São José. **Josefologia - Oblatos de São José**, 4 ago. 2019. Disponível em: <https://www.osj.org.br/josefologia/breve-historia-da-teologia-de-sao-jose/>. Acesso em: 27 jun. 2025.

PIO IX, Papa. **Decreto Quemadmodum Deus**. Sagrada Congregação dos Ritos, 8 dez. 1870.

PIO XII, Papa. **Discurso aos operários italianos por ocasião da Solenidade de São José Operário**. Vaticano, 1 maio 1955.

RAVASI, Gianfranco. São José, a força eloquente do silêncio. **Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura**, 19 mar. 2018. Disponível em: https://www.snpcultura.org/sao_jose_a_forca_eloquente_do_silencio.html. Acesso em: 27 jun. 2025.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. **Manual ABNT NBR 10520:2023**. UNESP, 2023. Disponível em: <https://www.btu.unesp.br/Home/sobre/biblioteca/manual-abnt-10520.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. **NBR 10520 de 2023**. UFMS, 2024. Disponível em: <https://bibliotecas.ufms.br/files/2024/08/NBR-10520-de-2023.pptx.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2025.

VATICAN NEWS. **São José**. Vatican News, 2021. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/feriados-liturgicos/sao-jose.html>. Acesso em: 27 jun. 2025.